

## **BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL: incidência e mecanismos de controle**

BARBOSA, Ana Flávia Martins Alves<sup>1</sup>; MARTINS, Adriane<sup>2</sup>; CONDE, Patricia Peluso<sup>3</sup>;  
CARMO, Amanda Juliana do<sup>4</sup>; OLIVEIRA, Claudia Alexandre de Freitas<sup>5</sup>; ARAUJO, Ludmilla  
Carneiro<sup>5</sup>;

<sup>1</sup> Pedagoga - Unifagoc. E-mail: flavia.maab@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: adriane.martins@unifagoc.edu.br

<sup>3</sup>Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: patricia.conde@unifagoc.edu.br

<sup>4</sup> Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: amanda.carmo@unifagoc.edu.br

<sup>5</sup>Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: claudia.oliveira@unifagoc.edu.br

<sup>6</sup>Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: ludmilla.araujo@unifagoc.edu.br

### **RESUMO**

*Este trabalho teve como objetivo conhecer e analisar os problemas e soluções acerca do bullying, verificando qual é a incidência da prática de bullying no meio estudantil e quais os mecanismos que o corpo docente e a equipe gestora utilizam para combatê-lo. Trata-se de uma pesquisa básica, utilizando o método quali-quantitativo e um estudo de caso e foi realizada por meio de um questionário aplicado aos professores, alunos e direção da Escola Municipal Antônio Barbosa Neto, instituição de Ensino Fundamental localizada na cidade de Guidoal – MG. Concluiu-se que as agressões de bullying estão presentes ainda hoje no meio estudantil e que as crianças continuam a sofrer com esse mal. Os profissionais da educação, por sua vez, relataram não ter projetos ativos que incentivem a diminuição dessas agressões e também não veem necessidade de implementar nenhuma nova medida. O bullying pode ser impulsionado pelas diferentes realidades nas quais as crianças estão inseridas e cada caso de violência escolar precisa ser avaliado unitariamente para que as medidas que precisam ser tomadas sejam as melhores possíveis para a realidade encontrada.*

**Palavras-chave:** Bullying; Ensino Fundamental; Escola; Violência Escolar.

### **1 INTRODUÇÃO**

No processo de desenvolvimento de um indivíduo, toda e qualquer forma de violência é uma ameaça e gera consequências, seja ao desenvolvimento cognitivo, psicológico ou social. Parte desse progresso pessoal acontece durante os primeiros anos de vida e nos primeiros anos de interação social tem-se a escola como principal protagonista dessas relações. É nesse ambiente onde as crianças e adolescentes passam a

maior parte do tempo e como consequência podem vir a presenciar episódios agressivos e violentos. Tais episódios tem se tornado cada vez mais frequentes nesse meio, sendo essa caracterizada como violência escolar e pode acarretar um comprometimento do desenvolvimento do envolvido (MARTINEZ, 2011).

A “violência escolar” é um tipo de violência que diz respeito a todos os comportamentos agressivos e antissociais. O termo “*bullying*” foi o termo adotado universalmente para representar tais agressões, as quais tornam um ambiente seguro, como a escola, em um lugar de sofrimento e medo (NETO, 2005).

Durante os primeiros anos escolares é comum que existam desavenças entre os pequenos na disputa por algo ou alguém. No entanto, essas condutas são vistas com naturalidade já que crianças até os 6 anos estão passando pela fase do egocentrismo. É importante estar atento aos sinais emitidos pelas crianças, para que essas desavenças não se tornem algo mais grave como o *bullying*, visto que durante seu desenvolvimento elas aprendem com todas as informações que recebem, portanto, ao conviverem com pessoas que praticam *bullying*, elas podem desenvolver esse comportamento e, nesse momento, o adulto deve estar atento e intervir (SILVA, 2020).

Barbosa *et al.* (2016) pontuam que para uma agressão – física ou verbal – ser caracterizada como *bullying*, a vítima precisa ter sofrido dois ou mais episódios seguidos e a repetição desses episódios pode levar o acometido ao estresse e a não suportar mais tais crueldades. Segundo Barbosa *et al.* (2016), devido à pressão psicológica que tais indivíduos sofrem, algumas vítimas de *bullying* chegam a cometer homicídio ou suicídio como forma de achar uma saída e alívio para o sofrimento.

Um dos crimes chocantes que demonstram a gravidade dos traumas que o *bullying* pode gerar, foi o incidente em Columbine, em Denver, Colorado, nos Estados Unidos, no ano de 1999. O documentário *Tiros em Columbine* (2002), disponível na plataforma de compartilhamento de vídeo *YouTube*, retrata o caso do massacre, onde dois alunos entraram na escola onde estudavam portando armas de fogo e bombas caseiras e atiraram contra todos que estavam ali, deixando, ao todo, 13 pessoas mortas, sendo 12 alunos e 1 professor. Posteriormente, os dois garotos tiraram a própria vida e a motivação para esse crime foi o *bullying*. Outro exemplo foi o “massacre de Realengo” que ocorreu dia 7 de abril de 2011, no qual um ex-estudante de uma instituição da cidade do Rio de Janeiro entrou nas dependências da escola se passando por um palestrante, portando duas armas e assassinou 12 (doze) crianças à queima roupa e depois tirou a própria vida, em uma carta, o assassino disse que sofreu *bullying* durante sua passagem estudantil pela

instituição (BERNARDO, 2021). Após 5 anos da tragédia ocorrida em Realengo, foi instituída a Lei nº 13.277, de 29 de abril de 2016 que estabelece o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola (BRASIL, 2016).

De posse do conhecimento desses casos e sabendo a gravidade dessas agressões, surge o problema que norteará esta pesquisa que será realizado em uma instituição de ensino fundamental: qual é a incidência da prática de *bullying* no meio estudantil e quais os mecanismos que o corpo docente e a equipe gestora utilizam para combatê-lo?

Infelizmente, o fenômeno *bullying* é um problema mundial e tem acometido alunos de diferentes idades (BOTELHO e SOUZA, 2007), sendo, inclusive, a principal motivação de suicídios e crimes de assassinato – como os casos de Santa Fe High School em 2018 (Texas, EUA), do Colégio Goyases em 2017 (Goiás, Brasil), os suicídios de Amanda Todd de 15 anos (2012 no Canadá) e de Jamel Myles de 9 anos (2021 em Denver, EUA) (DE COLUMBINE..., 2017; ENSINEM..., 2018; SUICÍDIO..., 2012; TIROS..., 2019). A fim de entender a ocorrência dessas agressões, o presente trabalho tem o objetivo de conhecer e analisar os problemas e soluções acerca do *bullying*, por meio de revisão bibliográfica e aplicação de questionário na Escola Municipal Antônio Barbosa Neto, instituição de Ensino Fundamental localizada na cidade de Guidoal – MG.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Fenômeno *Bullying*: o que é e suas variações na sociedade

O fenômeno *bullying* pode estar presente em todos os espaços de convívio social, recebendo nomes distintos para cada setor onde se manifesta, seja no meio escolar, no ambiente de trabalho ou qualquer outro ambiente, o *bullying* pode se fazer presente quando acontecem ações agressivas, intencionais e repetidas (MENDONÇA *et al.*, 2018; AOKI e GUIRARDELLO, 2019).

O primeiro estudo sobre as agressões no meio estudantil data de 1970, feito por um professor sueco chamado Dan Olweus (1931-2020), surgindo naquela época o termo *bullying*, que tem origem inglesa e não possui uma tradução literal no português (CLEMSON UNIVERSITY, 2022). Esse termo vem da palavra *bully*, que significa uma pessoa valentona, brigona. Foi adotado universalmente e entende-se como sendo ações de coerção, agressões físicas e/ou verbais que acontecem repetidamente por uma pessoa ou um grupo de pessoas contra outra(s) (SILVA, 2020).

O *bullying* pode ser aplicado de duas formas: direta ou indireta. A forma direta é através de agressões físicas contra a própria vítima ou prejudicando algo de sua

propriedade, e agressões verbais, através de xingamentos e apelidos pejorativos, intimidando e constrangendo a vítima, fazendo-a sentir medo do agressor. Já a forma indireta pode ser através do isolamento social da vítima, ao espalharem boatos que promovam a exclusão e/ou através do *cyberbullying*, utilizando de ferramentas de tecnologia para depreciar alguém por meio de comentários maldosos, por exemplo (CLEMSON UNIVERSITY, 2022).

Esse tipo de agressão não escolhe classe social, nem idade, nem cultura ou nacionalidade, estando presente em escolas ao redor do mundo. É importante que o adulto perceba os sinais que a vítima está demonstrando, como a queda do rendimento escolar e o isolamento, dado que em muitos casos a vítima não fala sobre o que está sofrendo e tampouco procura ajuda (SILVA, F., 2020).

## **2.2 *Bullying* na escola**

Dentro do universo estudantil estão inseridas diferentes personalidades e essas diferenças podem gerar atrito entre as crianças. Silva (2010) cita, na Cartilha sobre o *bullying*, que os agressores, chamados de *bullies*, escolhem aqueles que estejam em desigualdade de poder, seja por questões econômicas, pelo porte físico, pela idade ou por ser um grupo mais frágil numericamente. As vítimas de *bullying*, em sua maioria, são pessoas que já possuem algo que as coloque em uma posição de diferenciação no grupo escolar, como as crianças que são vistas como “nerds”, aqueles mais tímidos, aqueles que são mais magros ou gordos ou por conta da orientação sexual que possuem, ressaltando que nenhuma dessas características são motivos plausíveis para a explicação dessas agressões.

Segundo Farenzena (2020), as crianças vitimadas pelo *bullying* são inseguras, ansiosas, possuem medo excessivo, dificuldade em serem assertivas e por vezes não conseguem reagir às agressões. Em função dessas características, vivem com a incerteza se terão com quem brincar ou com quem sentar no recreio e esse isolamento influencia sua posição de vulnerável, o que pode facilitar ainda mais as agressões que são direcionadas a elas.

Nessa mesma cartilha sobre o *bullying*, Silva (2010) descreve os motivos que levariam os agressores a cometerem tais atos. O material apresenta quatro razões, sendo elas a falta de limites no contexto familiar, a busca por poder e status, reação em decorrência das circunstâncias em que se encontra (traumas e/ou algum problema pessoal) e, por fim, aqueles que apresentam a agressividade como parte de sua personalidade.

Por ser uma agressão que muitas vezes se apresenta de forma sutil e por vezes não percebida pelos adultos, é importante que tanto os professores quanto os pais fiquem atentos aos sinais que a criança demonstra. Neto (2005) cita alguns sintomas possíveis que acometem as vítimas, como distúrbios alimentares (bulimia e anorexia), tentativas de suicídio, ansiedade, irritabilidade, resistência em ir à escola, insegurança por estar na escola, mau rendimento escolar, atos de autoagressão (automutilação, por exemplo), entre outros.

### **2.3 Incidência do *bullying* nos primeiros anos da escola e fatores que culminam nesse comportamento.**

Os primeiros anos de vida de uma pessoa são de extrema importância para o desenvolvimento de habilidades sociais e por essa razão é imprescindível que qualquer sinal de desequilíbrio – emocional, comportamental, no desempenho escolar – da criança seja notado, avaliado e interrompido, em casos de *bullying*, para que possíveis traumas futuros sejam evitados. (MONTEIRO, BERTON e ASINELLI-LUZ, 2021)

A incidência do *bullying* nos primeiros anos escolares é uma realidade que praticamente todas as escolas enfrentam, como Mello *et al.* (2017) demonstram, apresentando um inquérito epidemiológico do qual 79 países participaram e aproximadamente 30% dos estudantes relataram serem vítimas de *bullying* no ambiente escolar. O mesmo inquérito averiguou a ocorrência de quatro ou mais episódios de agressão física, sendo em maior parte entre os meninos. Em Portugal e na Itália, por exemplo, a taxa de estudantes envolvidos em ocorrências de *bullying* foram, respectivamente, 27,5% e 35%. Outros estudos feitos em outros países também revelaram números altos, como na Nicarágua, onde mais de 3.000 estudantes participaram e constatou-se uma taxa de 50% da presença de *bullying*. No Peru, a taxa foi de 37,5% em um estudo com pouco mais de 65.000 estudantes. No Brasil, a PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar) apresentou uma taxa crescente de alunos envolvidos em situações de *bullying*, com o valor de 23% em 2019 (IBGE, 2021).

Na literatura, existem poucos materiais que apresentem esses dados, deixando uma lacuna a respeito da incidência desses atos, especialmente quanto aos papéis dos estudantes nas agressões, já que na maior parte desses estudos o foco é a vítima (MELLO *et al.*, 2017).

Para entender melhor o contexto sobre o fenômeno do *bullying* e seu acontecimento nos primeiros anos de escola, Monteiro, Berton e Asinelli-Luz (2021)

trazem como referência o modelo PPCT (processo, pessoa, contexto e tempo) proposto pela Teoria Bioecológica do autor Uri Bronfenbrenner de 2011, a qual diz que os ‘processos’ são as conexões feitas pelas pessoas que estão em constante desenvolvimento, e para que tal desenvolvimento ocorra, existe a necessidade de interação ativa com outros indivíduos e com os ambientes onde se está inserido. O componente ‘pessoas’ vem das características pessoais de cada um que está inserido e compartilhando o mesmo contexto e sistema bioecológico de desenvolvimento pessoal e, como consequência, elas interagem, influenciam e são influenciadas, explicando, assim, a importância da qualidade das relações. O ‘contexto’ trata dos ambientes onde o indivíduo está incluído e realizando seus processos de desenvolvimento, sendo esses separados em microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema, de acordo com a proximidade das relações. O ‘tempo’ por sua vez trata do espaço cronológico em que acontecem os processos.

No fenômeno *bullying*, os ‘processos’ são as maneiras como as interações interpessoais acontecem e se desenrolam, aqui encaixando os atos agressivos. As ‘pessoas’ são aquelas que participam do processo, estando presentes nessa categoria todos os envolvidos – vítima, agressor e testemunha(s). O ‘contexto’, nesse caso, é o ambiente escolar, o qual recebe influência do meio externo que está ligado às ‘pessoas’ envolvidas (social e/ou familiar). Dentro dessa rede de ligações, estão ainda as subdivisões que estão ligadas a esses desenvolvimentos. O contexto ‘microsistêmico’, nesse caso, pode se tratar da escola que não consegue ser imponente nos casos de *bullying*, ou da família que interfere de alguma forma no negativo, sendo ausente, não impondo limites ou expondo a criança a comportamentos inadequados. Esses dois dão origem ao mesossistema e quando eles não conversam, a educação da criança pode ser comprometida. Os ambientes externos a que a criança é exposta são os ‘exossistemas’, os quais apresentam o conceito de violência de uma forma distorcida, podendo gerar uma concepção errada da criança sobre tais atos. E, por fim, o contexto ‘macrosistêmico’ é a junção de todas as subdivisões em que o sujeito está inserido, influenciando, assim, diretamente a formação pessoal que ele terá. Todos esses eventos que estão ligados ocorrem por um certo período de ‘tempo’, característica esta que é atribuída também ao ato de *bullying* no contexto escolar (MONTEIRO, BERTON e ASINELLI-LUZ, 2021).

De acordo com o exemplo supramencionado, é importante entender que o fenômeno *bullying* é fruto de um emaranhado de motivos, não sendo possível a imputação de culpa somente à pessoa ou ao ambiente quando se possui a diversidade de contextos, pessoas e processos envolvidos e interligados, fazendo-se necessário que se leve em

consideração todos os fatores (MONTEIRO, BERTON e ASINELLI-LUZ, 2021).

#### **2.4 Enfrentando e controlando o *bullying***

Tendo em vista conseguir enfrentar e controlar a incidência de *bullying*, são oferecidas ainda algumas formas prontas aos centros educacionais para que as medidas sejam tomadas, atribuindo, algumas vezes, a responsabilidade de intervenção ao poder judicial (FREIRE e AIRES, 2012).

A Lei nº 13.185, sancionada em 2015, institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) em todo o território nacional (BRASIL, 2015). Essa lei estabelece como objetivo: prevenir e combater as práticas de *bullying*; a capacitação de docentes e da equipe pedagógica para a implantação de medidas preventivas e resolutivas; campanhas educativas, de conscientização e combate de todos os tipos de violência; e dar assistência pedagógica, social e jurídica às vítimas e agressores.

Entretanto, é de suma importância compreender que o *bullying* é um fenômeno social e por essa razão faz-se necessário que as medidas tomadas estejam em concordância com o contexto em que os envolvidos estão inseridos. Vale ressaltar que até mesmo os agressores possuem sua parcela de vitimização, como explicitam Souza e Almeida (2011, p. 187 e 188) quando dizem que:

[...] a criança ou adolescente agressor é também uma vítima à medida que lhe falte orientação e educação quanto ao respeito pelo outro. A criança ou adolescente deixa de ser atendida em suas necessidades de cuidado também quando não é escutada em suas dificuldades ou possível sofrimento. Antes de tudo, a agressividade na criança é um sintoma de algo que não está bem e que esta deve ser ajudada.

Portanto, é indispensável que cada caso seja avaliado com cautela, analisando todos os contextos que o envolvido na situação de *bullying* está inserido, compreendendo que até mesmo as realidades escolares que ele vivencia fazem diferença em seu desenvolvimento pessoal (FREIRE e AIRES, 2012). Por essa razão, fica imputada a responsabilidade tanto aos pais dos envolvidos, quando ao corpo docente e à equipe gestora para que esses casos sejam percebidos o quanto antes, através dos sinais que as crianças dão, para que medidas a respeito deles sejam tomadas de acordo com a realidade que cada um deles enfrenta.

Torna-se necessário que todos aqueles inseridos no contexto escolar estejam integrados e colaborem para a eficácia de qualquer ação que seja implementada pela equipe de gestão da instituição, promovendo assim uma maior efetividade na prevenção e combate ao *bullying* (SOUZA e ALMEIDA, 2011).

Alguns mecanismos mais comuns empregados são os diálogos e as intervenções punitivas. Os autores Monteiro, Berton e Asinelli-Luz (2021) trazem o autoconhecimento como mais uma opção para auxiliar na minimização do *bullying*, propondo a ideia da reflexão sobre os sentimentos, sobre as formas de reação e como resolver os conflitos entre os alunos. Nesse contexto a escola assume um papel de ajuda para as situações de impulsividade, incentivando o estudante a refletir.

A adoção de uma medida punitiva ainda é uma opção bastante usada, onde a escola conversa com todas as partes envolvidas, aciona os pais e suspende o(s) aluno(s) envolvido(s). Entretanto, essa medida não é o suficiente para combater o problema, ainda que apoie e ajude a vítima. Resoluções que atinjam todos os estudantes e dão maior suporte aos grupos de maior vulnerabilidade são essenciais para o sucesso de um programa de prevenção ao *bullying* escolar, pois não se deve pensar em punição sem antes pensar em prevenção. As formas punitivas devem ser uma consequência do descumprimento de um acordo previamente estabelecido, ou seja, o descumprimento de um compromisso. (MONTEIRO, BERTON e ASINELLI-LUZ, 2021; SOUZA e ALMEIDA, 2011)

### **3 METODOLOGIA**

A proposta metodológica adotada para o presente trabalho é de natureza quali-quantitativa, sendo realizado através de pesquisa bibliográfica e aplicação de questionário. Fontelles *et al.* (2009, não paginado) descrevem a pesquisa qualitativa como sendo adequada para o estudo que “busca o entendimento de fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações” e a pesquisa quantitativa como sendo “aquela que trabalha com variáveis expressas sob a forma de dados numéricos e emprega rígidos recursos e técnicas estatísticas para classificá-los e analisá-los”. Unidas, a pesquisa qualitativa-quantitativa torna-se interessante ao permitir recolher maiores informações do que se obterá se aplicadas de forma isolada (FONSCECA, 2002).

Inicialmente foi feito um estudo bibliográfico acerca do tema *bullying*, no qual notou-se a escassez de trabalhos que retratam especificamente a visão dos alunos em comparação com a visão do corpo docente diante desse fenômeno. Por essa razão, achou-se necessário realizar uma análise de campo com o intuito de contextualizar melhor essa relação entre os discentes e docentes. Uma pesquisa bibliográfica é realizada a partir de estudos já publicados sobre o tema, permitindo ao pesquisador um maior entendimento



sobre o assunto com base no que já foi estudado (FONSCECA, 2002).

Trata-se, portanto, de uma pesquisa descritiva, visto que pesquisas desse segmento têm “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” como afirma Gil (2008, p.28).

Foi elaborado um questionário próprio para cada conjunto pertencente ao universo escolar, sendo todos eles a respeito do mesmo assunto – o *bullying* – porém com perspectivas distintas, na intenção de analisar o fenômeno do maior número de ângulos possíveis. As respostas foram coletadas nas dependências da unidade de ensino de maneira presencial.

A população questionada foram os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental (mediante a autorização dos responsáveis), os professores e a equipe de gestão da Escola Municipal Antônio Barbosa Neto, localizada no município de Guidoal – MG durante o mês de agosto de 2022. O questionário é um tipo de coleta de dados e Gil (2008, p.121) define como sendo uma:

técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

O primeiro grupo de questionados são os alunos do Ensino Fundamental ao qual foram direcionadas 4 perguntas, sobre a relação deles com os episódios de *bullying*. O segundo grupo são os professores e o questionário contou com 3 perguntas a respeito da frequência que esses episódios de agressões são percebidos por eles. O último grupo da pesquisa é a equipe gestora e seu questionário contou com 6 perguntas sobre as atitudes que a escola tem diante dos casos de *bullying* e a prevenção para que novos casos sejam evitados.

Após a aplicação dos questionários, as respostas foram coletadas, analisadas e apresentadas no presente trabalho de forma descritiva com o objetivo de concluir o intuito proposto inicialmente.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A presente pesquisa teve como principal objetivo conhecer e analisar os problemas e possíveis soluções acerca do *bullying* no ambiente escolar. A fim de entender essa dinâmica, foi realizada uma pesquisa de campo, através da aplicação de questionário na instituição de Ensino Fundamental ‘Escola Municipal Antônio Barbosa Neto’, situada

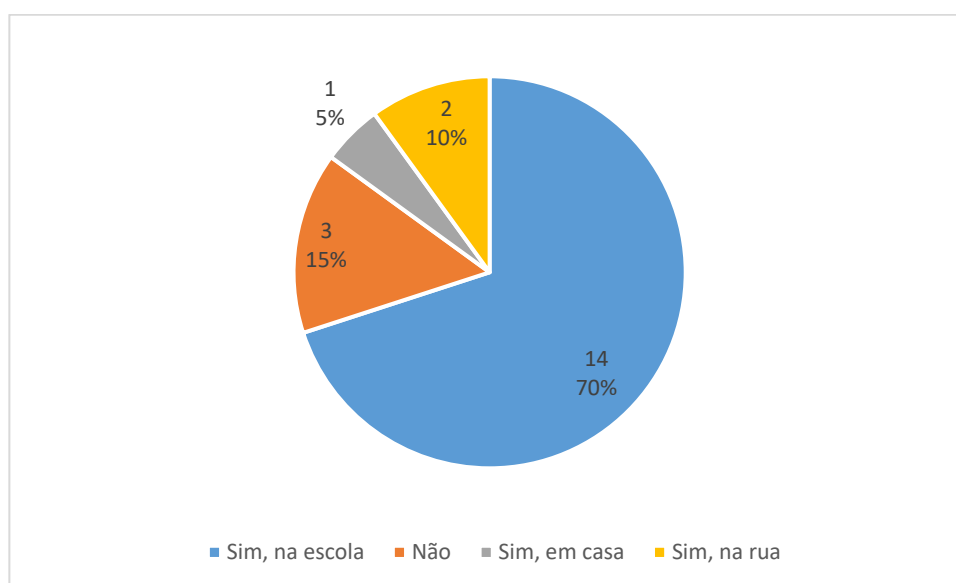
na cidade de Guidoal, MG. Os questionários pretendiam investigar a ocorrência de episódios de bullying e a interferência do corpo docente na prevenção dessas agressões num dado universo. Eles foram impressos e levados à instituição para que os entrevistados respondessem.

O universo em questão trata-se de uma sala de 5º ano, que possui 20 alunos entre 10 e 11 anos. Ao todo, 5 docentes também participaram da pesquisa, sendo 4 professoras e 1 diretor. Os resultados obtidos através da coleta de dados são apresentados a seguir.

#### 4.1 O *bullying* segundo a visão dos alunos

Dos 20 alunos entrevistados, 100% deles disseram saber o que é o *bullying*. Dentre eles, apenas 3 alunos afirmaram não terem presenciado nenhuma situação de *bullying*, representando 15%; 14 alunos disseram já terem presenciado na escola, totalizando 70% do universo estudado; 2 alunos presenciaram na rua, contabilizando 10%; e 1 aluno em casa, representando 5%. Ou seja, 85% dessas crianças tiveram contato com algum tipo de agressão relacionada ao *bullying* (figura 1).

**Figura 1:** Você já presenciou alguma situação de *bullying*?



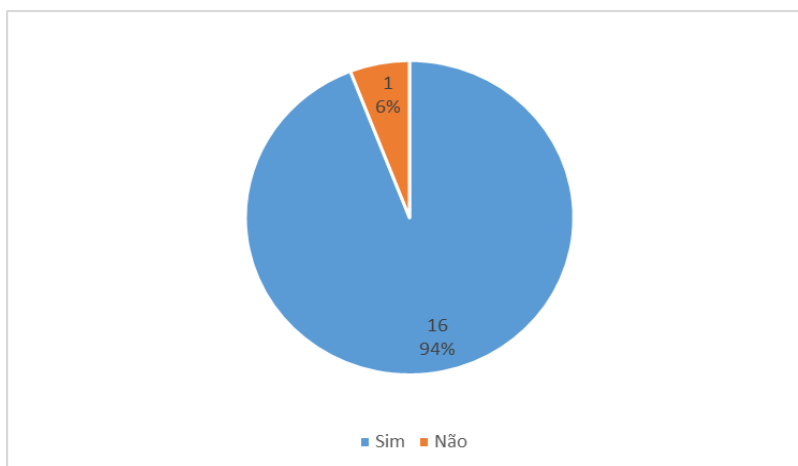
Fonte: Questionário aplicado aos alunos do universo estudado

Esse percentual alto pode ser explicado pela idade dessas crianças, como afirmam Melim e Pereira (2013, p. 300) ao pontuarem que “o *bullying* pode começar na primeira infância e persistir durante todo o percurso escolar, mas acentua-se durante os anos de transição de ciclo ou de escola” sendo, geralmente, maior entre crianças mais novas por

serem mais fracas e, conseqüentemente, estarem mais expostas.

Entre os 20 alunos entrevistados, 17 alunos afirmaram terem presenciado alguma situação de *bullying*, e entre eles, 16 afirmaram já terem sido vítimas das agressões, ou seja, mais de 90% das crianças que relataram terem presenciado esses episódios foram as vítimas da agressão (figura 2).

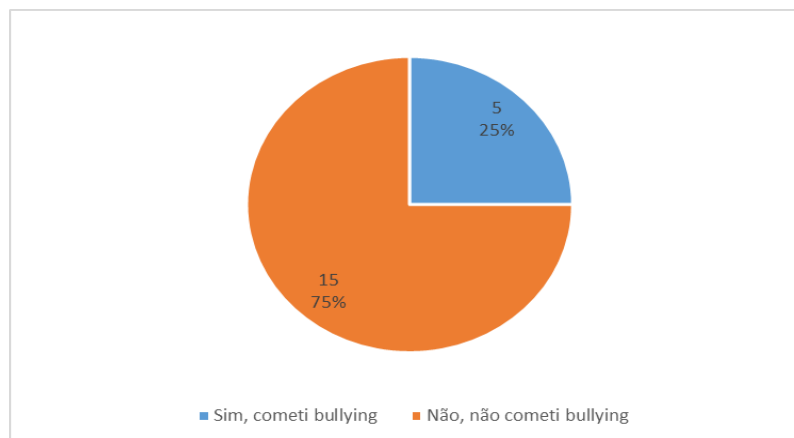
**Figura 2:** Você já sofreu *bullying*?



Fonte: Questionário aplicado aos alunos do universo estudado

As respostas das crianças foram unânimes ao relatarem que se sentiram muito tristes com as situações, sensação essa que vai ao encontro do reportado na literatura, como demonstram Santos *et al* (2013), ao afirmarem que, independentemente de como se deu a agressão, ela pode acarretar sentimentos diversos, mas, principalmente, sentimentos negativos como raiva, medo, tristeza e até vergonha. As crianças do presente estudo relataram não saberem reagir a essas agressões, entretanto, Santos *et al* (2013) ressaltam que em alguns casos as vítimas podem desencadear sentimento de vingança, passando de vítimas a agressores.

Ao serem questionadas sobre cometer o ato de *bullying*, apenas 5 admitiram já terem feito *bullying*, representando apenas 25% do universo analisado, enquanto os outros 75% afirmaram não terem praticado tal agressão. Os alunos que afirmaram a conduta não souberam dizer quais as conseqüências do *bullying* para os colegas vítimas (Figura 3).

**Figura:** Você já cometeu *bullying*?

Fonte: questionário aplicado aos alunos do universo estudado

Sobre essas consequências, a literatura concorda de modo geral que tanto as vítimas quanto os agressores sofrem com as agressões. As vítimas comumente desencadeiam um rendimento escolar baixo, o aumento no nível de estresse, a baixa autoestima, a baixa autoconfiança, a depressão, a fobia social e escolar, anorexia e bulimia e, até mesmo, a autoexclusão. Os agressores também sofrem com a baixa do rendimento escolar, assim como as vítimas, mas no caso dos *bullies*, dá-se devido ao distanciamento dos objetivos escolares e a supervalorização da violência como forma de obter poder (DIAS E PINGOELLO, 2016; ASSIS, CONSTANTINO e AVANCI, 2010)

A finalidade da pesquisa em campo foi obter embasamento para analisar a incidência desses casos no ponto de vista de quem mais sofre tais episódios, que, nesse caso, são as crianças, visto que, por vezes, o corpo docente observa somente aquilo que os alunos permitem deixar transparecer, como afirmam Dias e Pingoello (2016) ao ressaltarem que algumas violências são implícitas, sendo percebidas como brincadeiras pelos educadores e até mesmo não percebida por eles. Desse modo, surge a necessidade de analisar o ponto de vista desse grupo para avaliarmos o posicionamento dos envolvidos em outras esferas.

#### 4.2 O que os professores dizem sobre os casos de *bullying* em sala de aula?

O segundo questionário foi aplicado às professoras da instituição que têm contato com a turma estudada. Ao questionar as professoras se elas já haviam abordado o tema em sala, todas as 4 responderam que sim e 2 delas, complementaram: “*hoje em dia é um assunto que está destacando na sociedade.*” (PROFESSORA 1). “*Trabalhamos com o tema durante uma semana.*” (PROFESSORA 2).

Vale destacar que tratar o tema em sala de aula é importante para promover o contato tanto da vítima como do agressor com a informação e, dessa maneira, promover um conhecimento vasto sobre o assunto e, conseqüentemente, diminuir os casos. Além de trabalhar os conteúdos específicos, que direcionam a criança a desenvolver as capacidades básicas como pensar, sentir e imaginar, Gargano, Oliveira e Muñoz (2014) enfatizam que os professores não devem abrir mão de transmitir também valores e, assim, passarem para as crianças uma noção comportamental, para que o aluno compreenda o respeito à dignidade humana.

Sobre a incidência dos eventos em sala de aula, todas as 4 responderam que já notaram algum incidente com *bullying*. Quando questionadas sobre a reação diante dos eventos, 3 se pronunciaram da seguinte forma:

*Conversei com todos os alunos e mostrei a eles que somos todos iguais, independentemente de cor, raça. (PROFESSORA 1).*

*Diante desses atos eu procuro conversar separadamente com o aluno e depois no geral com a sala. (PROFESSORA 3).*

*Em alguns casos, explico que devemos respeitar o próximo e sempre se colocar no lugar do outro (PROFESSORA 4).*

É notório que em todas as respostas, as medidas que essas professoras tomam é de conversar com os alunos e explicar sobre respeito ao próximo e às diferenças, sendo que apenas uma professora afirmou que conversa primeiro com o aluno agressor em particular e depois com a sala toda. Nenhuma professora citou algo que envolvesse os procedimentos tomados em relação às vítimas. A abordagem através do diálogo é importante, porém Carneiro (2020, p.43) salienta que “quando uma ocorrência de *bullying* é detectada pelo professor, ele deve imediatamente tomar uma atitude, acolher a vítima para que esta tenha confiança em expor suas fraquezas e relatar os fatos.”

Sobre as medidas tomadas para que esses episódios não se repetissem, 3 professoras falaram sobre conscientização e 1 falou sobre um método de informar os alunos:

*Conscientizar os alunos que não podemos fazer bullying com os colegas; incentivá-los a serem amigos de todos em sala de aula. (PROFESSORA 1).*

*Conscientizar os alunos a terem respeito uns pelos outros. (PROFESSORA 2).*

*Estar sempre conscientizando os alunos do respeito ao próximo. (PROFESSORA 3).*

*Trabalhamos com fichas de leitura, cada ficha com um tema explicativo.*  
(PROFESSORA 4).

Das respostas obtidas, nenhuma é suficiente para concluir se a instituição possui algum projeto de combate ao *bullying* ou não. Percebe-se que a conscientização das crianças sobre esses eventos está sendo realizada, todavia, mesmo com essa abordagem, ainda existem casos acontecendo, como foi relatado pelas crianças. Neto (2005) classifica a conscientização como uma medida preventiva, sendo necessária sua aplicação, realizando-a em conjunto ao acolhimento das vítimas, para que se sintam protegidas. Esse mesmo autor ainda acrescenta que tal fenômeno é complexo e difícil de resolver, sendo necessário um cuidado continuado, atrelado a projetos voltados sobre o tema. Para averiguar a existência ou não de projetos que envolvam o combate dessas intimidações, foi aplicado um questionário à parte ao diretor para maiores detalhes.

### **4.3 A gestão escolar no combate ao *bullying***

De modo geral, o questionário direcionado ao diretor tratava de questões acerca do papel da gestão diante desse tema. A primeira pergunta questionava se, no ponto de vista dele, as crianças se sentiam seguras com a equipe gestora para relatar as agressões de *bullying* que presenciam e a resposta obtida foi simples e direta: “*sim*”. Entretanto, infelizmente, não é uma atitude que acontece em todas as instituições, visto que algumas vítimas omitem as agressões por medo de retaliações por parte dos agressores ou, até mesmo, por vergonha de admitirem o ocorrido. A observação do comportamento e o diálogo entre pais e filhos é de suma importância para que a vítima consiga ser acolhida (MARTINEZ, 2011)

Sobre a existência de programas/projetos de combate ao *bullying* desenvolvidos pela instituição, ele afirma não possuir, pois, para ele, ainda não há necessidade de elaborar narrativas para esse fim. Todavia, a implementação de projetos que abordem o tema é encontrada na literatura como uma ferramenta fundamental para a redução efetivas dos casos de *bullying*, como afirmam os autores Neto (2005), Martinez (2011), Monteiro, Berton e Asinelli-Luz (2021) e acrescentam que tais estratégias de minimização dessas agressões em ambiente escolar precisam ser encaradas com comprometimento e ação conjunta entre escola e família.

Ao ser questionado sobre o modo como a instituição lida com os casos de *bullying*, ele afirma que a escola intervém de maneira pacífica, conversando com os alunos e o contato com os pais acontece, caso haja necessidade. O diretor, em momento, algum

relatou se os agressores são punidos ou não. A atuação em parceria dos pais e da escola é vista na literatura como uma forma eficaz de combater ao *bullying*, mostrando-se necessário que essas duas esferas trabalhem juntas (MONTEIRO, BERTON E ASINELLI-LUZ, 2021; MARTINEZ, 2011).

A respeito do suporte que a escola oferece para as vítimas, ele afirma que a instituição provê esse suporte e complementa dizendo que a escola conta com o apoio de uma psicóloga disponível na instituição. Segundo Antero, Cabral e Antero (2019, n.p) ter esse apoio é fundamental e afirmam o seguinte sobre a presença desse profissional:

[...] a presença do psicólogo escolar é crucial, pois através de sua atuação, descobre-se o que está implícito, muitas vezes, no comportamento dos alunos e que geram conflitos, evitando-se, assim, atos de violência entre os estudantes. Descobre-se, portanto, quais as estratégias cabíveis a serem tomadas de modo que se contribua para um melhor desenvolvimento emocional e comportamental de todos que forma a escola.

Freire e Aires (2012, p.58) ainda acrescentam que esses profissionais podem atuar também de modo preventivo, trabalhando no enfrentamento do *bullying* e afirmam que:

[...] a atuação do psicólogo escolar/educacional no enfrentamento do bullying deve estar ancorada em uma proposta de caráter preventivo que tenta compreender, analisar e intervir na realidade escolar, considerando a especificidade de cada instituição. [...] Estando o psicólogo ligado à instituição, ele tem a possibilidade de atuar como agente de mudanças, capaz de promover reflexões a respeito do tema da violência, podendo, assim, conscientizar os agentes institucionais sobre os seus papéis, garantindo a construção de relações mais saudáveis e evitando o surgimento de qualquer forma de violência nas escolas

Para que haja uma maior efetividade na percepção e, conseqüentemente, na ação ao tratar esses casos, foi questionado a ele se a família e a escola trabalham juntas para tal feito e o mesmo respondeu prontamente que sim, e que “*a escola está sempre em contato com as famílias*” e que essa parceria acontece também para o suporte e prevenção dos casos. Tal afirmação vai ao encontro do que a bibliografia supramencionada pontua sobre como esses dois universos devem conversar para que casos de *bullying* sejam sempre evitados e combatidos.

De acordo com as respostas obtidas, é possível concluir que não existe nenhum projeto vigente sobre esse tipo de agressão; entretanto, isso não exclui a existência de projetos no passado, com base no que afirmou uma professora quando relatou que uma semana de aula foi dedicada a esse tema, e nem sobre a eficácia das medidas que a instituição implanta, como a presença de uma psicóloga para apoio. Os métodos de prevenção mais utilizados por essas professoras e pela gestão são, de fato, a

conscientização, a conversa em grupo, a intervenção dos pais contatados pela direção e o acolhimento da vítima por um profissional de psicologia.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo pretendeu conhecer e analisar os problemas e soluções acerca do *bullying*, por meio de revisão bibliográfica e aplicação de questionário na Escola Municipal Antônio Barbosa Neto, instituição de Ensino Fundamental localizada na cidade de Guidoal – MG. Através da análise dos questionários e das respostas dos alunos, foi possível perceber que essa prática ainda é recorrente e, no universo observado, notou-se a vasta presença dessa violência, sendo mais de 80% o número de crianças que já experienciaram o fenômeno e a maioria das vítimas que relatam já terem sofrido essas agressões sofreram-nas em ambiente escolar.

Quanto aos mecanismos que o corpo docente e a equipe de gestão utilizam para combater tal prática, foi possível perceber que, para os profissionais da educação, o pouco que fazem – já ter tratado o tema em sala de aula, advertir quando acontece, contatar os pais se necessário – já são medidas suficientes. Para o diretor dessa instituição, não é necessário implementar projetos que estimulem o combate e/ou prevenção desses fenômenos, mesmo que, para os alunos, esses eventos ainda estejam acontecendo.

É importante ressaltar que o *bullying* é um comportamento por vezes sutil e pode passar despercebido aos olhos dos profissionais da educação. É primordial que os educadores continuem investindo em trabalhos em sala de aula sobre o tema, visto que é uma medida simples, interessante e necessária de evitar tais práticas.

A partir dos questionários, observou-se que a obrigatoriedade da Lei 13.185 sobre o combate ao *bullying* – que prevê capacitar os docentes, aplicar campanhas educativas e de conscientização e dar assistência às vítimas – ainda deixa a desejar na instituição pesquisada, já que as campanhas educativas não estão sendo implementadas com efetividade nem constância. Já o suporte às vítimas tem sido feito e há o apoio de um psicólogo. Entretanto, o treinamento do corpo docente sobre o tema não foi realizado.

A violência é, infelizmente, um fenômeno social de longa data e pode ser desencadeada por diferentes contextos, seja cultural, social ou econômico. Cada caso de violência escolar precisa ser avaliado unitariamente para que as medidas que precisam ser tomadas sejam as melhores possíveis para a determinada realidade encontrada.



## REFERÊNCIAS

ANTERO, Katia Farias; CABRAL, Renata da Silva; ANTERO, Arethusa Angre do Rego. **Psicólogo escolar: o papel do profissional no combate ao bullying**. Anais VI CONEDU (Congresso Nacional de Educação) Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62324> Acesso em: 04 set. 2022.

AOKI, Roberta Nazario; GUIRARDELLO, Edinêis de Brito. Bullying no ambiente de trabalho da Enfermagem: revisão integrativa. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 40, p. 1-11, nov. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20190176.ISSN 1983-1447> Acesso em: 28 Mar 2022.

ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. 260 p. ISBN 978-85-7541-330-2. Disponível em: SciELO Books | Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Acesso em: 31 ago. 2022

BARBOSA, Ana K.L.; PARENTE, Thereza D. L.; Bezerra, Martha M. M.; Maranhão, Thércia L. G. *Bullying* e sua relação com o suicídio na adolescência. ID on line. **Revista de psicologia**, v. 10, n. 31, p. 202-220, ago. 2016. ISSN 1981-1179. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/501> Acesso em: 15 mar. 2022.

BERNARDO, André. Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil. **BBC News Brasil**. Rio de Janeiro, 06 abr. 2021. Disponível em: Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil - BBC News Brasil. Acesso em: 14 mar; 2022.

BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José Maurício Capinussú de. *Bullying* e Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, nº 139, p. 58-70, dez. 2007. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/506/555> Acesso em: 16 mar. 2022.

BRASIL, **LEI Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: L13185 (planalto.gov.br). Acesso em: 05 abr. 2022.

BRASIL, **LEI Nº 13.277, DE 29 de abril de 2016**. Institui o dia 7 de abril como o dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. Brasília, DF: Presidência República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm) Acesso em: 10 jul. 2022.

CARNEIRO, Francisquinha Galvão. **Bullying no Contexto Escolar: Reflexões sobre um sintoma social**. Monografia para conclusão do curso de Pedagogia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiana, 2020.

CLEMSON UNIVERSITY, **Olweus Bullying Prevention Program (OBPP)**, 2003-

2022, About and Schools. Disponível em: Olweus Bullying Prevention Program, Clemson University Acesso em: 28 mar. 2022.

DE COLUMBINE a Realengo: o bullying por trás dos massacres. Revista Veja, 26 out. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/de-columbine-a-realengo-o-bullying-por-tras-dos-massacres/> . Acesso em 16 mar. 2022.

DIAS, F. B. G.; PINGOELLO, I. BULLYING NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2016. DOI: 10.30681/relvav3i1.1458. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1458>. Acesso em: 1 set. 2022.

ENSINEM seus filhos a amar: o apeno da mãe do menino de 9 anos que se matou após bullying por homofobia. BBC NEWS BRASIL, 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45348686> . Acesso em 16 mar. 2022.

FARENZENA, Rosana Coronetti. Bullying escolar: a (in)visibilidade do fenômeno e dos protagonistas crianças. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 27, n. 2, p. 329-347, 28 jul. 2020. Disponível em: Bullying escolar: a (in)visibilidade do fenômeno e dos protagonistas crianças | Revista Espaço Pedagógico (upf.br). Acesso em: 30 mar. 2022.

FONSCECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Universidade Estadual do Ceará (UECE) Fortaleza, Ceará, 2002. Disponível em: Microsoft Word - 3C9DC1C6-2AC6-B2C4.doc (d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net). Acesso em: 29 abr. 2022.

FONTELLES, Mauro José; SIMÕES, Marilda Garcia; FARIAS, Samantha Hasegawa; FONTELLES, Renata Garcia Simões. **Metodologia da pesquisa científica**: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. Iniciação científica (Trabalho realizado no Núcleo de Bioestatística Aplicado à pesquisa da Universidade da Amazônia – UNAMA) – Universidade da Amazônia (UNAMA), 2009.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2012, v. 16, n. 1, pp. 55-60

GARGANO, Érica Coelho; OLIVEIRA, Graciete Maria de; MUÑOZ, Manuel Alfonso Días. Bullying e desenvolvimento moral: relações e implicações nas aulas de Educação Infantil. **Revista formação@Docente**, vol. 6, n.1, Belo Horizonte, jan/jun 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. Editora Atlas S.A. 2008.

MARTINEZ, F.W. **Bullying no ambiente Escolar**: a importância de intervir. Monografia (Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio) – Universidade Federal do Paraná, 2011.

MELLO, Flávia Carvalho Malta, SILVA; Jorge Luiz da; OLIVEIRA, Wanderlei abadio de; PRADO, Rogério Ruscitto do; MALTA, Deborah Carvalho; SILVA, Marta Angélica Iossi. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados,

Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2017, v. 22, n. 9, pp. 2939-2948.

MENDONÇA, Ana Paula Martins; JUNIOR, Francisco de Assis de Sá; ARAÚJO, Gabriel Belchior de; PAULA, Maria Rafaela Paiva de. Os malefícios do bullying na sociedade contemporânea: relatos de uma experiência através de atividades do PIBID. **Revista da Associação Nacional de História** – Seção Ceará, vol. 9, nº 18, p. 70-75, julho a dezembro de 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/embornal/article/view/3967/3408> Acesso em: 28 mar. 2022.

MELIM, M.; PEREIRA, B. (2013) Bullying, Género e Idade. In P. Silva S. Souza, I. Neto (Eds.), **O desenvolvimento humano: perspectivas para o século XXI – Memória, Lazer e Atuação Profissional**. Volume 1 (292-316). São Luís: EDUFMA. (ISBN:978-85-7862-294-7)

MONTEIRO, M. P. G.; BERTON, T. D. L.; ASINELLI-LUZ, A. Prevenção do bullying na infância: saberes necessários. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-22, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.5784>. Acesso em: 04 abr. 2022.

NETO, Amaris A. Lopes. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. S2, (5 Supl), p. 164- 172, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: [Bullying - comportamento agressivo entre estudantes | Jornal de Pediatria \(jped.com.br\)](http://www.jped.com.br). Acesso em: 01 abr. 2022

PESQUISA Nacional de Saúde do Escolar 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. 166 p. Disponível em: [\\*liv101852.pdf \(ibge.gov.br\)](https://www.ibge.gov.br/livros/101852.pdf). Acesso em: 8 jul. 2022.

PROMOVENDO CULTURA DE PAZ na UFRGS. Porto Alegre: Divisão de Promoção da Saúde/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: [Cartilha Cultura de PAZ-Versão Final Revisada e Ajustada \(ufrgs.br\)](https://www.ufrgs.br/cultura-de-paz). Acesso em: 09 jul. 2022.

SANTOS, Larissa C. S.; MARTINS, Milene; FILHO, Manoel D. S.; MARTINS, Maria do Carmo C.; SOUZA, Emanuely de Maria S. A cultura bullying na escola a partir do olhar das vítimas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Abr. 2013, 13(1), 27-40. ISSN: 1808-4281. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844510003>. Acesso em: 01 set. 2022.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: Cartilha 2010- Projeto Justiça nas Escolas. Brasília, 2010.

SILVA, Fernanda Alves da. Reflexões sobre o *bullying* na educação infantil. **Revista Educação UNG - SER**, v.15, n.1, DOI: 10.33947/ 1980-6469-v15n1-4013, 2020. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4013>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SOUZA, Christiane Pantoja de; ALMEIDA, Léo César Parente de. Bullying em ambiente escolar. **Enciclopédia biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.7, n.12. 2011. Disponível em: [BULLYING EM AMBIENTE ESCOLAR - corrigido \(conhecer.org.br\)](https://www.conhecer.org.br). Acesso em: 05 abr. 2022.

SUICÍDIO abre debate sobre cyberbullying no Canadá: Adolescente Amanda Todd se enforcou após publicar vídeo. Caso provocou comoção internacional. G1 MUNDO, 16 out. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/10/suicidio-abre-debate-sobre-cyberbullying-no-canada.html> . Acesso em 16 mar. 2022.

TIROS EM COLUMBINE. Direção: Michal Moore. 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qyGZu0TKlc0> . Acesso em 14 mar. 2011.

TIROS em Suzano: 10 casos de massacres em escolas que chocaram o mundo. BBC NEWS BRASIL, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47558612> . Acesso em: 16 mar. 2022.